

Artigos Originais

Análise do perfil de resiliência psicológica de atletas amadores de beach tennis

Analysis of the psychological resilience profile of amateur beach tennis athletes

Análisis del perfil de resiliencia psicológica de deportistas aficionados al tenis playa



Alexssander Pessoa Da Silva¹

Universidade do Estado de Minas Gerais, Ibirité, Minas Gerais, Brasil
e-mail: alexssanderps@gmail.com



André De Assis Lauria

Universidade do Estado de Minas Gerais, Ibirité, Minas Gerais, Brasil
e-mail: andre.lauria@uemg.br



Bruno Costa Teixeira

Universidade do Estado de Minas Gerais, Ibirité, Minas Gerais, Brasil
e-mail: bruno.teixeira@uemg.br



Juliana Bohnen Guimarães

Universidade do Estado de Minas Gerais, Ibirité, Minas Gerais, Brasil
e-mail: juliana.guimaraes@uemg.br



João Roberto Ventura De Oliveira

Universidade do Estado de Minas Gerais, Ibirité, Minas Gerais, Brasil
e-mail: joao.ventura@uemg.br



Camila Cristina Fonseca Bicalho²

Universidade do Estado de Minas Gerais, Ibirité, Minas Gerais, Brasil
e-mail: camila.bicalho@uemg.br

¹ Apoio recebido pelo Programa Institucional de Apoio à Pesquisa (PAPq) da Pro Reitoria de Pesquisa e Pós Graduação da Universidade do Estado de Minas Gerais (PROPPG-UEMG).

² Pesquisador Produtividade de UEMG - PQ/UEMG.

Resumo: O objetivo deste estudo foi identificar o perfil da Resiliência Psicológica (RP) em praticantes amadores de *Beach Tennis* (BT) em eventos competitivos e estabelecer parâmetros iniciais de RP por categorias do BT. Participaram 50 atletas com idade de $37,4 \pm 7,92$ anos. As coletas foram feitas via Google Forms® entre os meses de março a maio de 2022 durante as competições realizadas no Estado de Minas Gerais e Rio de Janeiro, sendo aplicada a Escala de Resiliência no Esporte (RS-Sp). O escore total da RS-Sp foi de $10,75 \pm 1,57$ pontos, sendo classificado como baixa, segundo o parâmetro para atletas brasileiros. Conclui-se o perfil de RPE em praticantes amadores de BT está abaixo do esperado para a medida podendo influenciar em menor capacidade de lidar com processos estressores advindos das situações esportivas.

Palavras-chave: Esporte; Escala de Resiliência no Esporte; Psicologia do Esporte.

Abstract: The aim of this study was to identify the profile of Psychological Resilience in amateur Beach Tennis practitioners in competitive events. Fifty athletes with age of 37.4 ± 7.92 years participated. The Scale of Resilience in Sport (RS-Sp) was applied. The collections were made via Google Forms® between the months of March to May 2022 during the competitions held in the state of Minas Gerais and Rio de Janeiro. The total score of the SR-Sp was $10.75, \pm 1.57$ points (low SR-Sp) according to the parameter for Brazilian athletes. It is concluded that Beach tennis practitioners presented lower PR indexes than expected for athletes, which can influence in a lower capacity to deal with stressful processes arising from sportive situations.

Keywords: Sport; Resilience Scale in Sport; Sport Psychology.

Resumen: El objetivo de este estudio fue identificar el perfil de la Resiliencia Psicológica (RP) en practicantes amateurs de Tenis Playa (BT) en eventos competitivos y establecer parámetros iniciales de RP para categorías de BT. Participaron 50 atletas

con edad de $37,4 \pm 7,92$ años. Las colectas fueron realizadas vía Google Forms® entre los meses de marzo a mayo de 2022 durante competiciones realizadas en el Estado de Minas Gerais y Rio de Janeiro, siendo aplicada la Escala de Resiliencia en el Deporte (RS-Sp). La puntuación total de RS-Sp fue de $10,75 \pm 1,57$ puntos, siendo clasificada como baja, de acuerdo con el parámetro para los atletas brasileños. Se concluyó que los atletas de BT presentaron índices de RP inferiores a los esperados, lo que puede influir en una menor capacidad de lidiar con procesos estresantes derivados de situaciones deportivas.

Palabras clave: Deporte; Escala de Resiliencia en el Deporte; Psicología del Deporte.

Submetido em: 05 de abril de 2023

Aceito em: 07 de junho de 2023

1 Introdução

Estresse é definido como resposta não específica do corpo para qualquer demanda de mudança, ou seja, o estado em que a homeostase é comprometida pela ação de agentes externos (SELYE, 1930). No contexto esportivo, os atletas são submetidos aos mais diversos tipos de pressão competitiva, tendo que manter a regularidade do seu desempenho diante de elevados níveis de exigências físicas, técnicas, táticas e psicológicas (DEVINE, 2022; DURAND-BUSH, et al. 2022). Logo, o manejo adequado das situações estressoras é considerado um dos fatores psicológicos determinantes para o alcance do sucesso em competições (DEVINE, 2022; STEFANELLO, 2007).

Um mecanismo psíquico de defesa do ser humano para a proteção dos efeitos negativos do estresse é a Resiliência Psicológica – doravante RP (LEE; CHEUNG; KWONG, 2012). A RP, segundo Richardson et al. (1990), é a capacidade de aprender novas habilidades em um processo de reintegração psicológica a partir das situações estressoras. A RP é multifatorial e está associada ao contexto social e cultural do ser humano, por isso os estudos sobre a RP mostram a complexidade desse construto ao buscar uma definição (BICALHO; NOCE, 2019; BICALHO; MELO; NOCE, 2021; FLETCHER; SARKAR, 2012; LEE; CHEUNG; KWONG, 2012). Apesar das diferentes abordagens teóricas, o ponto comum entre os autores está no entendimento da RP a partir do processo de mobilização eficaz de recursos internos e externos na adaptação ou gestão de fontes significativas de estresse ou trauma, de acordo com o contexto (LEE; CHEUNG; KWONG, 2012).

No esporte, Fletcher e Sarkar (2012, p. 675) caracterizam a Resiliência Psicológica Esportiva (doravante RPE) como “o papel dos processos mentais e do comportamento na promoção de bens pessoais e na proteção de um indivíduo do potencial efeito negativo dos estressores”. Avalia-se aqui, principalmente, a relação da metacognição no processo de desenvolvimento da RPE em atletas. Nesse mesmo caminho, no Brasil, Bicalho, Melo e Noce (2021) apresentaram o Modelo Hierárquico de Resiliência Psicológica no

Esporte para atletas. Os autores consideram o desenvolvimento da RPE como “um processo dinâmico iniciado a partir da exposição dos atletas às situações estressoras, envolvendo fatores pessoais e sociais, sendo capaz de promover adaptações positivas e resultar num desempenho esportivo ótimo” (2021, p. 500). Para isso, foram decodificados cinco elementos de RPE, sendo eles as experiências esportivas, de competição, de treinamento, além dos recursos pessoais.

O esporte de rendimento impõe aos atletas um nível de estresse não habitual, se comparado aos não atletas (CEVADA et al., 2012), mas é a partir dessas experiências esportivas que são desenvolvidas diferentes habilidades psicológicas, dentre elas a RPE (FLETCHER; SARKAR, 2016). A exposição aos fatores estressores e um manejo adequado das experiências esportivas contribuem para o desenvolvimento da RPE em atletas (CEVADA et al., 2012; SARKAR; FLETCHER, 2014). Assim, é comum que treinadores e atletas, na eminência de alcançar um bom desempenho para o sucesso em determinada modalidade, recorram ao treinamento de estratégias psicológicas e emocionais de enfrentamento/*coping* (DEVINE, 2022; DURAND-BUSH et al., 2022; WAGSTAFF et al., 2017).

Recentemente, Durand-Bush et al. (2022) investigaram o que torna os atletas um medalhista de ouro e identificaram 11 competências relacionadas ao desempenho mental necessárias para alcançar o sucesso no esporte. Para os autores, a RPE está entre as três habilidades fundamentais para que um atleta alcance o pódio. Assim, identificar e estabelecer parâmetros para a avaliação da RPE em diferentes modalidades esportivas têm sido um desafio para a Ciências do Esporte.

O *Beach Tennis* é um esporte em rápido crescimento e que vem atraindo cada vez mais praticantes, inclusive em eventos competitivos (LAURIA et al., 2023). A busca por essa modalidade pode estar atrelada ao fato de ser praticada na areia e geralmente ao ar livre, pois traz maior percepção de prazer e motivação, é um jogo dinâmico, de fácil aprendizagem e sem contato físico, o que favorece a socialização em um ambiente mais descontraído

(DA ROSA; ALVAREZ, 2021). Nos esportes de raquete, a execução do gesto técnico está relacionada com a tomada de decisão e na capacidade de antecipação, seleção do movimento e sua recuperação (Silva et al., 2017). O jogo é praticado em espaço separado e a participação dos jogadores é alternada, sendo que o objetivo é devolver a bola recebida (sem quicar no chão ou na areia) para o campo do adversário, visando à obtenção do ponto (SANTINI; MINGOZZI, 2017).

A prática do *Beach Tennis* exige dos atletas uma capacidade de autocontrole e tomada de decisão, componentes relacionados com a resiliência psicológica, fundamentais para a performance nessa modalidade (TAKAYAMA; VANZUÍTA, 2020; BICALHO; MELO; NOCE, 2020). Nesse sentido, para alcançar a excelência esportiva, a resiliência psicológica tem sido considerada padrão e está relacionada com a “capacidade individual do atleta de melhorar e alcançar o sucesso e ser capaz de perseverar e se recuperar de contratempos e adversidades inevitáveis inerentes ao esporte de elite” (DURAND-BUSH, et al., 2022, p.9).

Segundo o Regulamento BT 2022 (CBT, 2022), os atletas que estiverem entre as 300 primeiras posições no *Ranking* são considerados profissionais e não podem participar de campeonatos amadores. Já os campeonatos amadores de BT são divididos em quatro categorias, nomeadas de A a D. Os critérios para a permanência de um atleta amador em uma dessas categorias são o nível técnico e os resultados do ano anterior. De acordo com os dados da Confederação Brasileira de Tênis (CBT), o número de praticantes de BT no Brasil ultrapassou 400 mil em 20213. Além de receber cada vez mais novos atletas, o Brasil é palco do maior número de competições nessa modalidade.

Considerando a ampla adesão de atletas amadores às competições de BT, estaria essa interação impactando na RP dos praticantes? Portanto, o objetivo deste estudo foi identificar o perfil de RPE em praticantes amadores de *Beach Tennis* em eventos competitivos e estabelecer parâmetros iniciais de RPE por categorias do BT.

3 Fonte: <http://cbt-tenis.com.br/beachtenis.php?cod=9>

2 Metodologia

Este estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética da UEMG (CAAE - 56920222.7.0000.5112). Participaram 50 atletas amadores (37,4 ± 7,92 anos; 20F, 30M), 14 eram vinculados a algum clube/entidade de BT. Para serem incluídos no estudo, os atletas deveriam treinar ou jogar o *Beach Tennis* regularmente entre uma a cinco vezes por semana. Além disso, os atletas deveriam estar credenciados como praticantes de *Beach Tennis* pela CBT. Foram excluídos os atletas que apenas treinavam, mas não competiam, e os atletas que não responderam à Escala de Resiliência no Esporte na íntegra.

Os autores desenvolveram e aplicaram um questionário de dados demográficos, para a coleta das informações de identificação e prática de BT dos atletas: Nome; CPF ou documento de identidade; *E-mail*; Data de nascimento; Cidade/Estado de residência; Se está representando algum Clube ou entidade que fomenta o *Beach Tennis* atualmente; Nome do Clube ou entidade; Se treina ou joga regularmente o *Beach Tennis*; e qual a categoria em que competirá.

A Escala de Resiliência no Esporte (RS-Sp), desenvolvida e validada por Bicalho, Melo e Noce (2021), também foi aplicada nos atletas. A RS-Sp contém 15 itens alocados em cinco dimensões: Experiências Esportivas (EE), Recursos Pessoais e Competências (RCP), Espiritualidade (Esp), Apoio Social Familiar (ASF) e Apoio Social Esportivo (ASE). Os atletas responderam cada item completando a pergunta "Eu sou...". As respostas são pontuadas em uma escala tipo *likert* de cinco pontos (1=absolutamente não concordo, 2=não concordo, 3=indiferente, 4=concordo, e 5= absolutamente eu concordo) com pontuações mais altas, indicando uma tendência mais forte de manifestar a resiliência psicológica. O escore total da RS-Sp é determinado pela média do somatório dos itens de cada fator. Foi utilizada a tabela normativa da RS-Sp para fins de classificação (BICALHO; MELO; NOCE, 2021) que categoriza: índices extremamente baixos de resiliência (<10,4); índices baixos de resiliência ($\geq 10,4 < 11,7$); índices médios de resiliência ($\geq 11,7 < 12,7$); ín-

dices altos de resiliência ($>12,7 < 13,6$); índices extremamente altos de resiliência ($\geq 13,6$) para a medida da resiliência no esporte. A RS-Sp apresentou evidências psicométricas adequadas para uso em atletas ($\alpha=0,812$; $\omega t=0,89$), segundo Bicalho, Melo e Noce (2021).

Os atletas participantes deste estudo receberam via *E-mail* ou *WhatsApp* os questionários por meio do *Google Forms*® (FALEIROS *et al.*, 2016). O formulário era composto pelo TCLE e somente após o aceite para participação na pesquisa os atletas tiveram acesso aos questionários. As coletas foram realizadas durante as competições no Estado de Minas Gerais-MG e Rio de Janeiro-RJ, entre os meses de março e maio de 2022. Para análise de dados, foi adotada a estatística descritiva (média, desvio-padrão, mínimo e máximo) calculada no *software* SPSS® 21.0.

3 Resultados

A tabela 1 apresenta os perfis dos praticantes de *Beach Tennis*, organizados por categorias.

Tabela 1: Perfil de Praticantes de Beach Tennis em relação a idade, sexo e frequência de treino por semana.

Categoria	N	Idade	Sexo	FT
A	9	33,83±6,24	7M/2F	3,33± 1,03
B	12	40,86±6,57	6M/6F	2,71± 0,76
C	20	39,38±4,96	12M/8F	2,37 ±0,90
D	9	38,22±11,33	5M/4F	1,56 ±0,53

Legenda: FT= Frequência de treino por semana.
Fonte: os autores.

O escore total da RS-Sp (Tabela 2) para praticantes de BT foi em média de 10,6 pontos, classificando-os como baixa resiliência psicológica segundo o parâmetro para atletas brasileiros. Isso indica que os participantes deste estudo podem ainda não ter acesso às estratégias psicológicas da resiliência psicológica que potencializam sua prática (FLETCHER; SARKAR, 2012).

Tabela 2. Resultado Geral da Resiliência Psicológica em praticantes amadores de Beach Tennis no Brasil segundo tabela normativa brasileira.

	RPC	EE	ASF	Esp	ASE	RS-Sp
Média	11,4	12,6	9,5	9,2	10,4	10,6
DP	2,5	2,1	3,5	3,6	2,8	1,4
Mínimo	5,0	6,0	3,0	3,0	3,0	8,2
Máximo	15,0	15,0	15,0	15,0	15,0	15,0

Legenda: DP=Desvio-padrão; RPC=Recurso Pessoal e Competência; EE=Experiência Esportiva; ASF=Apoio Social Familiar; Esp=Espiritualidade; ASE=Apoio Social Esportivo; RS-Sp=Resiliência Psicológica Esportiva; Fonte= os autores. Obs.: A tabela normativa Noce para valores de RP está disponível no estudo de Bicalho, Melo e Noce (2021).

Foram classificados como baixos os elementos de RPC ($\geq 9,8$ e $< 11,5$), EE ($\geq 11,9$ e $< 13,5$) e ASF ($\geq 9,2$ e $< 11,9$). A Esp. foi extremamente baixa ($< 9,5$), sendo o fator que menos influencia na RP destes atletas. O ASE foi moderado ($\geq 9,5$ e $< 11,29$).

Quando comparados os níveis de RP por categorias (Tabela 3), observa-se que a única categoria que apresentou um atleta com um escore extra alta foi a categoria A, que é a mais próxima do nível profissional. Por outro lado, a categoria D, que é a mais baixa no *Ranking* amador (CBT, 2022), não apresentou nenhum atleta com RP alta e extremamente alta. O percentual de atletas com RP extremamente baixa foi maior quando verificada a frequência dentro da mesma categoria.

Tabela 3. Resultados dos escores de Resiliência Psicológica por categoria, em praticantes amadores de Beach Tennis no Brasil.

Categoria	N	Ex. Baixa	Baixa	Moderada	Alta	Ex. Alta
A	9	4 (44,5%)	1 (11,1%)	3 (33,3%)	0 (0%)	1 (11,1%)
B	12	6 (50%)	2 (16,7%)	3 (25%)	1 (8,3%)	0 (0%)
C	20	8 (40%)	8 (40%)	1 (5%)	3 (15%)	0 (0%)
D	9	5 (55,6%)	3 (33,3%)	1 (11,1%)	0 (0%)	0 (0%)

Legenda: N = Número de participantes; EX = Extremamente; Fonte=os autores.

4 Discussão

A investigação sobre o perfil de resiliência psicológica esportiva em atletas amadores de BT realizadas neste estudo mostrou que esses atletas estão com níveis abaixo do esperado para a RPE em atletas brasileiros de alto rendimento. Esse resultado foi avaliado como prevê a RS-Sp, que adota a tabela normativa de RPE como critério para classificação da resiliência em atletas brasileiros (BICALHO, MELO, NOCE, 2021). Uma das condições para construir a RS-Sp foi considerar o efeito positivo do aprendizado adquirido a partir das experiências esportivas ao longo da carreira do atleta. Os resultados encontrados neste estudo reforçam os achados de Cevada et al. (2012), indicando que o baixo nível de experiência esportiva dos atletas pode afetar negativamente os escores de resiliência psicológica esportiva.

Levando em consideração que as categorias do BT, classificadas de D a A, estão associadas à experiência e ao desempenho dos atletas à medida que avançam de categoria, e comparando a frequência de treino com os escores de Resiliência Psicológica (RP) no esporte (conforme apresentado na Tabela 3), é possível observar que as categorias mais baixas apresentam um maior número de atletas com pontuações de RP extremamente baixas. Por outro lado, na categoria A, onde se encontram os atletas mais próximos do nível profissional do BT, foram observados índices de RP mais elevados. Portanto, a maioria dos participantes deste estudo demonstrou ter pouca experiência de prática no BT, o que pode explicar a falta de desenvolvimento de estratégias de resiliência suficientes para lidar com as demandas do esporte competitivo. De acordo com Morgan et al. (2013; 2015), a intensidade das competições e as exigências dos treinos parecem estar relacionadas com a RP em esportes coletivos. Dessa forma, espera-se que, à medida que esses atletas avancem em suas categorias, os níveis de resiliência psicológica também aumentem.

Foi observada maior frequência de atletas com baixa resiliência psicológica esportiva na categoria D. Esse perfil de praticantes

amadores, geralmente, é submetido a treinamentos com demandas mais baixas, como observado inclusive na frequência semanal (menor que dois dias de treino). Nesse contexto, os estímulos físicos e psicológicos do treinamento são pequenos quando comparados à rotina de uma atleta de rendimento, o que impacta numa necessidade menor de recuperação e possível percepção de desempenho (WEINBERG; GOULD, 2017).

Bicalho et al. (2022) identificaram uma associação positiva entre as horas de treino por semana e o tempo de experiência no basquetebol competitivo com os fatores da Resiliência Esportiva (RS-Sp). Essa associação é reforçada pela constatação de que, à proporção que os atletas avançam nas categorias, aumenta a quantidade de prática semanal, resultando em uma diminuição significativa do número de atletas com RS-Sp extremamente baixa e baixa, em comparação com as outras categorias. Esses achados corroboram a ideia de que o desenvolvimento da resiliência é influenciado pela maneira como os atletas interpretam e aprendem com suas experiências ao longo de suas carreiras (FASEY et al., 2021; MORGAN et al., 2013; 2015). Portanto, para estabelecer uma base mais sólida dessa associação, é necessário conduzir estudos futuros com uma amostra mais ampla de atletas, comparando a frequência da prática semanal com os resultados de RS-Sp em atletas de BT, tanto no campo amador quanto no campo profissional.

Além disso, segundo Devine (2022), a mudança do esporte amador para o profissional permite aos atletas maior tempo de contato com o treinamento físico e psicológico, além de melhores recursos estruturais e profissionais especializados envolvidos no processo. Isso foi percebido neste estudo à medida que apenas atletas do nível A apresentaram maiores escores de RPE. Desse modo, infere-se que estar inserido no esporte profissional ou de alto rendimento faz com que o atleta aperfeiçoe suas habilidades psicológicas e consiga ter um comportamento mais resiliente, visando adaptar-se melhor às demandas do esporte. Novos estudos são estimulados para compreender essa relação e avaliar a hipótese de que quanto mais os atletas vão subindo as categorias, os

níveis de RP aumentam, pois os atletas estão elevando seu nível de excelência e, conseqüentemente, o seu aprendizado e adaptação.

Em geral, os três componentes, RPC, EE e ASF, foram classificados como baixos (BICALHO; MELO; NOCE, 2021), esses atletas ainda estão competindo em nível amador, sem estímulos e/ou treinamentos suficientes, capazes de desenvolver os recursos pessoais e ambientais necessários para a prática dessa modalidade em alto rendimento. O ASE foi moderado, mostrando a existência de um perfil de treinador e/ou colegas de equipe que incentivam os atletas, sendo um impulsionador para o engajamento e aderência à prática do BT.

Dadas as demandas estressoras que os atletas geralmente enfrentam, como lesões, falhas e outros contratemplos, a RPE é essencial no esporte (DURAND-BUSH et al., 2022). De acordo com os autores, a RPE, a confiança e a motivação são pilares fundamentais para que o atleta alcance a sua medalha de ouro e a excelência no esporte. A busca por essa excelência esportiva proporciona um desafio adequadamente exigente, requerendo o melhor de cada atleta. Dessa forma, é incentivada a inserção de um treinamento psicológico para as demandas mentais do esporte, sendo o trabalho com a RPE uma variável indispensável nesse processo.

Este estudo trata de uma investigação inicial no BT. Nesse sentido, algumas limitações, como acesso a atletas profissionais, amplitude demográfica (envolvendo diferentes regiões do Brasil) e estudos longitudinais, são estímulos para aprofundar na identificação e no comportamento da RP em atletas praticantes de BT no Brasil.

5 Considerações finais

Conclui-se que o perfil de RPE em praticantes amadores de BT está abaixo do esperado para a medida da RPE em atletas de alto rendimento no Brasil. Desse modo, pode ser sugerido que os atletas amadores de BT brasileiros possuem menos recursos para o enfrentamento de adversidades nessa modalidade.

Ainda, este estudo mostrou que há uma variação da RPE em atletas dependendo da sua categoria, sendo quanto maior o nível

de profissionalização, maior a RPE. Estudos futuros devem aprofundar nessas diferenças e investigar se o nível de profissionalização impacta nas estratégias individuais para lidar com frustrações e melhor desempenho nessa modalidade, e numa possível adequação do construto de RPE para atletas de BT.

Referências

BICALHO, C. C. F.; NOCE, F. Resilience theory model applied in high performance athletes. **Psychology and Behavioral Science International Journal**, Irvine-EUA, v. 13, n. 2, 2019. Disponível em: <https://juniperpublishers.com/pbsij/pdf/PBSIJ.MS.ID.555858.pdf>. Acesso em: 07 ago. 2023.

BICALHO, CCF; MELO, GF; NOCE, F. Resilience of athletes: a systematic review based on a citation network analysis. **Cuadernos de Psicología del Deporte**, Murcia-Espanha, v. 20, n. 3, p. 26-40, 2020. Disponível em: <https://revistas.um.es/cpd/article/view/391581>. Acesso em: 06 nov. 2023.

BICALHO, C.C.F., FERREIRA DE MELO, G., NOCE, F. Development and validation evidence for the Resilience Scale for Sport (RS-Sp). **International Journal of Sport Psychology**, Roma, v. 52, n. 6, p. 494-526, 2021. Disponível em: <http://www.ijsp-online.com/abstract/view/52/494>. Acesso em: 00 mês. Ano.

BICALHO, C.C.F. *et al.* Avaliação da resiliência psicológica em atletas do basquetebol brasileiro. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**, Taguatinga-DF, v. 12, n. 1, 2022. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/rbpe/article/view/13537>. Acesso em: 06 nov. 2023.

CEVADA, T. et al. Relação entre esporte, resiliência, qualidade de vida e ansiedade. **Archives of Clinical Psychiatry**, São Paulo-SP, v. 39, p. 85-89, 2012.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE TÊNIS. **Histórico do Beach Tennis**. 2022. Disponível em: <http://www.cbt-tenis.com.br/beachtenis.php?cod=5>. Acesso em: 20 jul. 2022.

DA ROSA, T. R.; ALVAREZ, B. R. Perfil dos praticantes de Beach Tennis no município de Criciúma. **Research, Society and Development**, Vargem Grande Paulista-SP, v. 10, n. 17, p. e192101724173- e192101724173, 2021.

DEVINE, J. W. Elements of excellence. **Journal of Philosophy of Sport**, [s.l.], v. 49, n. 2, p. 195-211, 2022.

DURAND-BUSH, N. et al. The Gold Medal Profile for Sport Psychology (GMPSP). **Journal of Applied Sport Psychology**, Indianapolis-EUA, v. 35, n. 1, p. 1-24, 2022.

FALEIROS, F., KÄPPLER, C., PONTES, F. A. R., SILVA, S. S. D. C., GOES, F. D. S. N. D., & Cucick, C. D. Uso de questionário online e divulgação virtual como estratégia de coleta de dados em estudos científicos. **Texto & Contexto-Enfermagem**, Florianópolis-SP, v. 25, 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/tce/a/Hjf6ghPxx7LT78W3JBTdpjf/abstract/?lang=pt#>. Acesso em: 06 nov. 2023.

FASEY, K.J. et al. Defining and characterizing organizational resilience in elite sport. **Psychology of Sport and Exercise**, v. 52, p. 166-173, 2021.

FLETCHER, D., SARKAR, M. A grounded theory of psychological resilience in Olympic champions. **Psychology of Sport and Exercise**, [s.l.], v. 13, p. 669-678, 2012.

FLETCHER, D.; SARKAR, M. Mental fortitude training: An evidence-based approach to developing psychological resilience for sustained success. **Journal of Sport Psychology in Action**, [s.l.], v. 7, n. 3, p. 135-157, 2016.

Lauria, A.A.; CARVALHO, M.V.; PERANTONI, C.B.; TEIXEIRA, B.C.; BICALHO, C.C.F. Análise da pontuação em partidas de Beach Tennis da categoria PRO. **Brazilian Journal of Health Review**, [s.l.], v. 6, n. 2, p. 5813-5820, 2023.

Brasil, T.Y.; CHEUNG, C.K.; KWONG, W.M. Resilience as a positive youth development construct: a conceptual review. **The Scientific World Journal**, [s.l.], v. 2012, 2012.

MORGAN, P. B., FLETCHER, D., SARKAR, M. Defining and characterizing team resilience in elite sport. **Psychology of Sport and Exercise**, [s.l.], v. 14, n. 4, p. 549-559, 2013.

MORGAN, P. B., FLETCHER, D., SARKAR, M. Understanding team resilience in the world's best athletes: A case study of a rugby union world Cup winning team. **Psychology of Sport and Exercise**, [s.l.], v. 16, n. 1, p. 91-100, 2015.

RICHARDSON, G.E., NEIGER, B.L., JENSEN, S., KUMPFER, K.L. The resiliency model. **Health Education**, [s.l.], v. 21, p.33-39, 1990.

SANTINI, J., MINGOZZI, A. **Beach Tennis: um esporte em ascensão**. Porto Alegre: Gênese; 2017.

STEFANELLO, J. Situações de estresse no vôlei de praia de alto rendimento: um estudo de caso com uma dupla olímpica. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto-Portugal, v. 7, n. 2, p. 232-244, 2007. Disponível em: https://rpcd.fade.up.pt/_arquivo/artigos_soltos/vol.7_nr.2/1-11.pdf. Acesso em: 06 nov. 2023.

SARKAR, M.; FLETCHER, D. Psychological resilience in sport performers: a review of stressors and protective factors. **Journal of Sports Sciences**, [s.l.], v. 32, n. 15, p. 1419-1434, 2014.

SELYE, H. Studien über vitaminpetente Nahrungstoffe. **Zeitschrift für die gesamte experimentelle Medizin**, [s.l.], v. 74,

n. 1, p. 320-323, 1930. Disponível em: <https://link.springer.com/article/10.1007/BF02624870>. Acesso em: 09 ago. 2023

SILVA, J.V.P., SOUZA, L.C.L., CALADO, K.T.O.L., SILVA, C.B., REVERDITO, R.S. Família dos jogos esportivos com raquetes: metodologia e procedimentos pedagógicos. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**, Taguatinga-DF, v. 25, n. 4, p. 117-127, 2017. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/rbcm/article/view/8433>. Acesso em: 06 nov. 2023.

TAKAYAMA, F.S.; VANZUÍTA, A. Reflexões sobre o Beach Tennis no Brasil: um estado de conhecimento. **Caderno de Educação Física e Esporte**, Marechal Cândido Rondon-PR, v. 18, n. 2, p. 1-7, 2020. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/cadernoedfisica/article/view/24563>. Acesso em: 06 nov. 2023.

WAGSTAFF, C.R.D., SARKAR, M., DAVIDSON, C.L., FLETCHER, D. Resilience in sport: A critical review of psychological processes, sociocultural influences, and organizational dynamics. In.: C. R. D., WAGSTAFF (Ed.). **The Organizational Psychology of Sport**. Londres-Reino Unido: Routledge., 2017, p. 120-150.

WEINBERG, R. S.; GOULD, D. **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício**. Porto Alegre: Artmed editora, 2016.

Publisher

Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Educação Física e Dança. Publicação no Portal de Periódicos UFG. As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.